



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

<http://dx.doi.org/10.22351/nepp.v44i1.3279>

Os desafios da Educação a Distância nos cursos de teologia reconhecidos pelo Ministério da Educação - MEC

The challenges of distance education in theology programs recognized by the Education Ministry - MEC

Valdinei Ramos Gandra*
Joel Haroldo Baade**

Resumo

O artigo discorre sobre os desafios que as Instituições de Ensino Superior enfrentam ou enfrentarão ao oferecer Cursos de Teologia na modalidade a distância. Os Cursos de Teologia no Brasil remontam ao séc. XVIII, mas perderam sua força com o advento da República em 1889. Em 1999 o Parecer CNE/CES n. 241/99 possibilita a oferta do Curso Superior em Teologia (Bacharel). As instituições também perceberam a possibilidade de oferecê-lo na modalidade a distância, pois se constatou uma demanda entre os leigos que estariam impossibilitados de cursar na modalidade presencial. No entanto, o Curso de Teologia sempre foi marcado pelo que se conceitua no presente trabalho de “presencialidade”, já que tradicionalmente eram realizados em regime de internato e, com o reconhecimento do MEC, na modalidade presencial. A proposta é refletir sobre a possibilidade de superar a tradicional da “presencialidade” nos Cursos de Teologia. As respostas passam pelo uso adequado das ferramentas tecnológicas, particularmente de um adequado Ambiente Virtual de Aprendizado. É necessário que docentes e tutores dominem as linguagens próprias da mediação pedagógica. Outra questão abordada diz respeito à produção de material pedagógico. As reflexões são frutos de pesquisa qualitativa, de observação aberta e participativa, pois são decorrentes da atuação do pesquisador num Curso de Teologia – EAD. Também é de cunho bibliográfico, pois desenvolve diálogo com pesquisadores da educação, especialmente os que investigam a Educação a Distância.

Palavras-chave

Curso de Teologia. Educação a Distância. Presencialidade.

[Texto recebido em março de 2018 e aceito em julho de 2018, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

* Doutorando em Teologia (PUC/PR). Docente e Pesquisador (Faculdade REFIDIM). E-mail: gandra@ceeduc.edu.br

** Programas de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Sociedade e Profissional em Educação da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP), Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE) e Faculdade Refidim. Brusque, Santa Catarina. E-mail: baadejoel@gmail.com

Abstract

The article discourses on the challenges which the Institutions of Higher Learning are confronting or will confront when offering Theology Programs in the distance modality. The Theology Programs in Brazil go back to the 18th century but lost their strength with the advent of the Republic in 1889. In 1999 the CNE/CES Evaluation Report 241/99 makes it possible to offer Bachelor of Theology Programs. The institutions also perceived the possibility of offering them in the distance modality since a demand among the lay people who were unable to do the program in the classroom mode was observed. However, the Theology Program was always marked by what is conceptualized in this paper as “presentiality”, since, traditionally, they were carried out in boarding school regimes, and with the recognition of the Education Ministry, in the classroom modality. The proposal is to reflect on the possibility of overcoming the traditional “presentiality” in Theology Programs. The answers are found in the adequate use of the technological tools, particularly of an adequate Virtual Learning Environment. It is necessary that professors and tutors have dominion of the appropriate languages of pedagogical mediation. Another issue dealt with has to do with the production of pedagogical material. The reflections are fruit of qualitative research of open and participative observation, since they result from the work of the researcher in a Distance Education Theology Program. It is also of bibliographic character since it develops a dialog with researchers of education, especially those who investigate Distance Education.

Keywords

Theology Program. Distance Education. Presentiality.

Introdução

Após um período de grande influência na história do Brasil entre os séculos XVIII e XIX, a disciplina de Teologia foi restringida ao ambiente da fé por ocasião do surgimento do Brasil República (1889). Desse modo, as reflexões teológicas concentraram-se basicamente nos seminários católicos e protestantes, pois desde então o espaço acadêmico desenvolveu certa hostilidade para com a teologia. O motivo seria sua suposta confessionalidade e a falta de “rigor e objetividade” científica. No entanto, após muitas discussões a respeito, o Ministério de Educação e Cultura (MEC) permitiu que os Cursos de Teologia que atendessem às prerrogativas estabelecidas para os demais Cursos Superiores fossem também credenciados, autorizados e reconhecidos. Esta nova situação criou também a possibilidade de se oferecer Curso de Teologia na Modalidade a Distância. No entanto, como superar o que o presente trabalho denomina de tradição da “presencialidade”? Ou seja, como superar a característica histórica do estudo teológico em seminários com regime de internato? Como saltar deste modelo tradicional para o estudo teológico mediado pelas tecnologias pedagógicas? São estes questionamentos, e também outros, que norteiam o presente trabalho.

Para tentar responder tais questionamentos, seguiu-se o seguinte itinerário metodológico: pesquisa qualitativa, particularmente observação de campo na perspectiva do que Telma Johnson define como “observação aberta e participativa”,¹ ou seja, o pesquisador é conhecido dos que estão sendo observados e, além disso, torna-se um participante nas atividades do grupo. Em outras palavras, as reflexões apresentadas fazem parte do envolvimento dos pesquisadores em um Curso de Teologia em EAD. Além disso, os pesquisadores tem uma experiência de aproximadamente 15 (quinze) anos na docência em Educação Teológica, participando ativamente das transformações que ocorreram nos últimos anos na área, em particular o reconhecimento dos cursos de teologia pelo Ministério da Educação (MEC). Pode-se neste aspecto ainda ressaltar a experiência com a oferta de 20% (vinte por cento) na modalidade a distância dos cursos presenciais nos quais os pesquisadores atuaram em suas respectivas trajetórias profissionais.

Além da motivação profissional da pesquisa, cabe salientar que há também um interesse voltado para a pesquisa do fenômeno religioso pentecostal no Brasil, pois o crescimento dos evangélicos, em particular dos pentecostais, chama a atenção de pesquisadores das mais diversas áreas das ciências humanas. Em 2000 a porcentagem de evangélicos era de 15,4% da população. Já em 2010 saltou para 22,2%, ou seja, 42,3 milhões, sendo 60%, algo em torno de 25,3 milhões, de pentecostais.

A igreja Assembleia de Deus, objeto das pesquisas realizadas, é a maior representante do pentecostalismo no quesito número de fiéis, aproximadamente 12,3 milhões de fiéis, apresentando um crescimento de aproximadamente 48% na última década. Desse modo, a presença dos evangélicos se faz sentir em várias dimensões da sociedade, inclusive na área de educação teológica do ensino superior. Desse modo, se faz necessário entender como estas instituições enfrentam os desafios da Educação a Distância, principalmente levando em consideração que a formação do teólogo se dava em regime de internato.

Introdução aos aspectos históricos da teologia no Brasil

Pode-se afirmar que concepções teológicas estão na base do que se convencionou denominar desde 1500 de “descobrimento do Brasil”. Não é de estranhar que a tripulação das caravelas também era composta por sacerdotes católicos, por isso que uma das primeiras ações do empreendimento colonizador é erigir a cruz, símbolo máximo da fé cristã, e realizar uma missa, demarcando, assim, o território como possessão cristã. Embora já perdendo prestígio por conta do humanismo da Renascença, a teologia, enquanto cátedra acadêmica goza, neste contexto, de *status* científico por excelência, pois as outras ciências prestavam a ela a devida continência. O teólogo protestante Júlio Zabatiero descreve o modelo da Teologia do período medieval como “Paradigma da

¹ JOHNSON, Telma. *Pesquisa social mediada por computador: questões, metodologia e técnicas qualitativas*. Rio de Janeiro: E-papers, 2010. p. 63.

teologia científica”, pois ela “constituía o arcabouço ordenador de todo o conhecimento humano, bem como o das nascentes universidades na Europa”. Ainda segundo ele, a teologia “ultrapassa as fronteiras eclesiais e assume papel determinante em todo o desenvolvimento do saber europeu – a teologia se torna a rainha do conhecimento.²

Algumas transformações socioeconômicas desestabilizariam o monopólio católico do campo religioso europeu dos séculos XV e XVI, pois a emergência de uma nova classe social, os burgueses, contribuiria para o surgimento de vários questionamentos em relação às práticas religiosas tradicionais. Desse modo, o contexto da “descoberta” é profundamente marcado por uma crise religiosa provocada por movimentos que anelam por reformas na estrutura da Igreja, sendo os mais conhecidos os que foram promovidos por Lutero na Alemanha (luteranismo), Zwinglio na Suécia, Calvino em Genebra (calvinismo), Henrique VIII na Inglaterra (anglicanismo) e os anabatistas em várias partes da Europa (Reforma Radical). No entanto, mesmo com as transformações religiosas operadas no contexto europeu, a teologia ainda desfrutava de imenso prestígio.

É neste contexto que surge a Contrarreforma, movimento de reforma católica que visava frear o crescimento e a influência das concepções teológicas dos reformadores, cujas bases foram lançadas no Concílio de Trento (1545 a 1563). Nele a Igreja Católica reafirmava seu compromisso com a tradição da Igreja, particularmente na manutenção do dogma da infalibilidade papal. Também foram criadas regras para a ordenação de sacerdotes, a principal delas dizia respeito à obrigatoriedade do clero em passar pelo processo de aprendizado teológico-filosófico em seminários católicos. Além disso, foram criadas ordens religiosas, a principal delas veio a ser a Companhia de Jesus, fundada por Inácio de Loyola em 1534, principal responsável pela catequização e “educação” dos ameríndios brasileiros no período colonial.

Desse modo, desde a “descoberta” do Brasil pelos portugueses em 1500 até a Proclamação da República em 1889, o catolicismo gozava do prestígio de religião oficial do país, cabendo-lhe, inclusive, quase em sua totalidade, a tarefa e a responsabilidade da educação. No entanto, a criação de Seminários no Brasil para a formação teológica do clero ocorreu somente no início do século XVIII após a realização do 1º Sínodo Brasileiro, ocorrido em Salvador em 1707, ou seja, ainda no Período Colonial.³

A ideia era transformar a realidade do clero brasileiro, tendo em vista que, para o padrão desejado pela Contrarreforma, a estrutura clerical brasileira apresentava características “mundanas”. Serbin afirma que com essa intenção “[...] a Igreja isolou os seminaristas dos pretensos perigos do mundo exterior e impôs o controle sobre seu comportamento espiritual, físico e emocional”.⁴ Nesta linha, o estudo teológico aliado ao

² ZABATIERO, Júlio. *Fundamentos da teologia prática*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. p. 20.

³ LIMA, Maurilio Cesar. *Breve história da igreja no Brasil*. Rio de Janeiro: Restauro, 2001.

⁴ SERBIN, Kenneth P. *Padres, celibato e conflito social: uma história da Igreja católica no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 29.

comportamento ascético conduziria ao modelo clerical desejado. Cabe esclarecer que a formação teológica não se restringia apenas à formação do clero, já que neste período a educação estava sob a responsabilidade da Igreja, particularmente a educação das elites do país. Nem todos os que estudaram em seminários católicos tornaram-se sacerdotes, ao contrário disso, apenas poucos seguiam a vocação sacerdotal. Por conta disso, é razoavelmente comum encontrar nomes importantes na história do país que passaram por seminários católicos.

Por outro lado, após algumas tentativas fracassadas com os franceses (1555-1567) e com os holandeses (1624/1630-1654), o protestantismo se instalaria oficialmente no Brasil a partir da assinatura do Tratado de Comércio e Navegação em 1810 entre Portugal e Inglaterra. Este acordo foi resultado da aproximação diplomática das duas nações por conta das investidas do Imperador francês, Napoleão Bonaparte, contra o território português, situação que forçou a fuga da família real para o Rio de Janeiro em 1808. O Tratado possibilitava, além das vantagens comerciais, plena liberdade de consciência religiosa aos possíveis imigrantes ingleses que porventura se estabelecessem no Brasil, algo que ocorreria em 1819 no Rio de Janeiro com a construção do primeiro templo não católico em solo brasileiro. Um passo importante, considerando que a religião oficial do Brasil era o catolicismo. Porém, é na segunda metade do século XIX que teve início a criação dos primeiros seminários protestantes para a formação de pastores, sendo eles presbiterianos (1867), metodistas (1888), batistas (1902), luteranos (1927), etc. Guardadas as devidas ressalvas, do mesmo modo que os católicos, o envolvimento dos protestantes com a educação tinha caráter missiológico e elitista, pois buscava influenciar as elites do país para que, por intermédio deles, houvesse um aumento da presença protestante no Brasil.

Percebe-se, por intermédio das questões postas, que a teologia foi responsável pela formação de um clero, tanto católico quanto protestante, que de certo modo exerceu forte influência sobre as dinâmicas socioculturais do Brasil a partir do século XVIII. Não cabe aqui aprofundar a questão, pois foge da proposta do presente trabalho, mas há razões para afirmar que reflexões teológicas estão na base das transformações ocorridas no Brasil, particularmente na independência (1822) e na constituição da República (1889). Entretanto, paradoxalmente, a partir deste último evento, como resultado da “separação” entre Igreja e Estado, a teologia se restringiria aos espaços próprios da fé, ausentando-se quase que completamente dos espaços acadêmicos.

A teologia era vista com certa desconfiança pelos setores “modernos” da sociedade, particularmente pelo fato de que a religiosidade, principalmente de matriz católica, representava o “atraso” ao desenvolvimento socioeconômico do país. Desse modo, tem-se o embrião do recrudescimento histórico entre o espaço acadêmico e o espaço religioso. A tradição positivista que pautou a transição política do sistema monárquico para o republicano muito contribuiu para isso. Dessa forma, os que estudavam em

seminários teológicos de nível superior não tinham seus diplomas reconhecidos pelo MEC, pois eram válidos somente para o exercício eclesiástico.

Entretanto, em 15 de março de 1999, a Câmara de Educação Superior do MEC apresentou o Parecer CNE/CES n. 241/99, abrindo a possibilidade para que fosse possível a oferta de Cursos Superiores de Teologia. O referido Parecer foi homologado pelo então Ministro da Educação e publicado no Diário Oficial da União de 05 de julho de 1999. Posteriormente, por intermédio do Parecer n. 63/2004, homologado em 31 de março de 2004, foi dada a oportunidade de integralização de créditos para os que possuíam Diploma de Teologia em Cursos Superiores de Teologia na modalidade livre, devendo as Instituições de Ensino Superior atentar para as normativas do Parecer n. 63/2004. Assim, muitas instituições seminarísticas se enquadraram nas exigências do MEC para que seus Cursos de Teologia passassem com êxito pelo processo de credenciamento, autorização e reconhecimento. Por outro lado, houve também o interesse por parte de muitas instituições privadas, pois percebiam a demanda pelo Curso de Teologia.

A teologia estava reabilitada, porém, com novas demandas e desafios. Uma delas diz respeito à oferta do curso na modalidade a distância, algo que cresceu significativamente nos últimos anos. Assim, muitas Instituições de Ensino Superior iniciaram projetos voltados para a oferta de Bacharelado em Teologia – EaD. No entanto, tendo em vista que a marca dos cursos de teologia sempre foi a “presencialidade”, inclusive em regime de internato, como superar esta questão? Tentar-se-á responder esta questão nas reflexões subsequentes, dialogando com os pesquisadores do campo da educação, especialmente dos que aprofundaram a questão da Educação Superior a Distância.

Os desafios da educação teológica na modalidade a distância: superando a questão da “presencialidade”

Como já fora discutido, os cursos de teologia no Brasil remontam ao século XVIII, no caso da tradição católica, e ao século XIX, no caso da tradição protestante. Em ambos os casos, a modalidade de ensino se dava em regime de internato, ou seja, os alunos não somente estudavam os conteúdos teológicos, mas também desfrutavam de toda uma atmosfera religiosa, devocional. Desse modo, pode-se dizer que a formação teológica estava marcada pelo estudo e pela vivência eclesial em seus aspectos mais amplos, o que neste trabalho se conceitua como “presencialidade”.

Pode-se dizer que este modelo foi reforçado ainda mais pela restrição que o sistema republicano impôs aos cursos de teologia, tirando-lhes a possibilidade de participar do espaço acadêmico ao lado de outras disciplinas da área de humanas. Assim, os cursos de teologia continuaram com o mesmo modelo, conciliando rotina de estudo, de devoção e, acima de tudo, de disciplina, pois o objetivo não era somente desenvolver a formação intelectual, mas também a formação disciplinar clerical. Com isso, o interesse

pelos estudos teológicos restringia-se somente aos que se sentiam vocacionados para tal tarefa, distinguindo assim, o clero e o leigo na perspectiva do sagrado e do profano.

Essa situação mudou consideravelmente após o Parecer CNE/CES n. 241/99, pois a partir de então era possível cursar o Bacharel em Teologia fora do regime de internato, inclusive com possibilidade de aulas noturnas, atraindo assim um número expressivo de interessados. Este momento ocorre em paralelo com transformações operadas no campo religioso, principalmente na participação de leigos nas comunidades religiosas, ou seja, funções e serviços que antes estavam somente a cargo dos oficiais eclesiásticos, poderiam agora ser realizados também por leigos. Com isso, muitos leigos com profissão e formação bem definidas, buscaram formação teológica para aprimorar suas capacidades nos ofícios religiosos destinados aos leigos.

Apesar disso, porém, a questão da “presencialidade” ainda estava presente. No entanto, as Instituições de Ensino Superior perceberam uma demanda reprimida pelo curso de teologia na modalidade a distância, tendo em vista a dificuldade de muitos em relação à distância e também da impossibilidade de estudar regularmente, de segunda a sexta. Surge então o seguinte questionamento: quais as ferramentas da educação a distância que podem ajudar a superar a questão da “presencialidade”, tão importante na tradição da educação teológica?

O uso de tecnologias educacionais como superação da “presencialidade”

Nas últimas duas décadas, a Educação a Distância no Brasil apresentou um crescimento surpreendente. Somente no ensino superior o número é de quase um milhão de alunos.⁵ O desenvolvimento surpreendente da Educação a Distância é decorrente das transformações tecnológicas do mundo contemporâneo.

Segundo Kenski, “o avanço tecnológico das últimas décadas garantiu novas formas de uso das TICs [Tecnologias de Informação e Comunicação] para a produção e propagação de informações, a interação e a comunicação em tempo real, ou seja, no momento em que o fato acontece”.⁶ Por exemplo, uma das grandes novidades, entre muitas, são os celulares atuais, pois absorveram as principais características do computador portátil, pois na “palma” da mão é possível acessar sites, e-mails, facebook, jogos, arquivos pessoais, entre muitas outras funções. É uma revolução em termos de conectividade. Desse modo, “um número significativo de experiências em EAD, em sua intensidade, instituem-se como espaços singulares, de liberdade, de qualidade ontológica”.⁷

⁵ Cf. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/38573-ensino-a-distancia-cresce-fora-do-sudeste.shtml>>. Acesso em: 14 nov. 2014.

⁶ KENSKI, Vani M. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas: Papyrus, 2007. p. 28.

⁷ BEILER, Adriana; LAGE, Louise Costa; MEDEIROS, Marilú Fontoura. Educação a Distância: novos desafios na virtualidade dos horizontes educacionais. In: MEDEIROS, Marilú Fontoura; FARIA, Elaine

No entanto, perguntam os especialistas em educação, como inserir as inovações tecnológicas de informação e comunicação no processo de ensino-aprendizagem? Quais as características de um curso a distância de sucesso? Quais seriam as ferramentas tecnológicas adequadas? E como estas questões se aplicam aos Cursos de Teologia na modalidade a distância?

Em um primeiro momento, é preciso escolher ferramentas que assegurem a relação pedagógica entre corpo docente, tutores e discentes, ou seja, um eficiente Ambiente Virtual de Aprendizado (AVA). Sendo possível, por intermédio dele, a possibilidade criativa de apresentar conteúdos e atividades que despertem nos alunos o desejo de aprender e a superação da questão da “presencialidade”. Para Behar e Waquil, o AVA é caracterizado pela mobilidade e alinearidade, possibilitando romper com a dimensão temporal/espacial do ambiente presencial de aprendizagem.⁸ Em relação à primeira característica, a mobilidade “permite uma flexibilidade, que proporciona que não haja rigidez de horário para acessar as funcionalidades do ambiente e para permanecer nelas, assim como não há rigor na decisão de usar determinados espaços para a interação”.⁹ Já em relação à segunda, a alinearidade “possibilita o acesso ao AVA em qualquer tempo, em qualquer lugar e em qualquer ordem. Além disso, o percurso a ser realizado por cada sujeito é único, não havendo um caminho rígido a ser seguido”.¹⁰

Na pesquisa de observação aberta e participativa ficou evidente a importância do AVA, particularmente quando os alunos se apoderaram das múltiplas possibilidades que a ferramenta possibilitava na perspectiva da mobilidade e alinearidade como apresentados acima, no caso específico a ferramenta Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment (MOODLE). Porém, ficou evidente a necessidade de ampliar a relação com o MOODLE por intermédio de canais de comunicação que possibilitam fácil acesso aos tutores e professores, pois a facilidade do contato estimula os alunos a buscarem respostas às questões mais complexas. Desse modo, telefones (0800), e-mails, ferramentas de voz e vídeo, etc., podem ajudar na interação do aluno com todos os envolvidos no processo pedagógico. Percebeu-se também a importância de equipamentos tecnológicos atualizados, pois se faz necessário que os alunos tenham acesso rápido às informações, além da garantia de uma navegação segura.

Por outro lado, constatou-se também a necessidade do domínio das ferramentas modernas de TICs por parte dos professores e tutores, pois um dos problemas é o fato de que a maioria são migrantes virtuais, ou seja, não nasceram no período das grandes

Turk (Orgs.). *Educação à distância: cartografias pulsantes em movimento*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 62.

⁸ BEHAR, Patrícia Alejandra; WAQUIL, Márcia Paul. Princípios da pesquisa científica para investigar ambientes virtuais de aprendizagem sob o ponto de vista do pensamento complexo. In: BEHAR, Patrícia Alejandra (Org.). *Modelos pedagógicos em educação à distância*. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 150.

⁹ BEHAR; WAQUIL, 2009, p. 150.

¹⁰ BEHAR; WAQUIL, 2009, p. 151.

transformações tecnológicas, da revolução digital. É possível que uma das dificuldades consista em não acompanhar as mudanças tecnológicas, pois elas ocorrem de modo rápido. No mínimo, o professor precisa conhecer as tecnologias mais usadas pelos seus alunos. Após conhecer as tecnologias disponíveis, é preciso entender os modos pelos quais as referidas tecnologias poderão ser usadas na educação, levando em conta quais as possibilidades de interação e colaboração que a referida ferramenta possibilita aos alunos. Por fim, é preciso convencer os alunos do potencial pedagógico que as TICs possibilitam no seu dia a dia. Para isso, o grande desafio para o docente é desenvolver nos alunos a dimensão de sujeitos de sua própria aprendizagem, algo que demanda uma nova postura do professor, ou seja, implica uma mudança da condição de “conteudista” para uma condição de intermediador do conhecimento, numa pedagogia colaborativa.

Segundo Behar, Schneider e Schneider, ao discorrerem sobre o perfil do professor de educação a distância, “[...] o número de recursos tecnológicos existentes na rede é imenso. Por isso, é importante a busca, pesquisa e atualização, a fim de conhecer diferentes possibilidades para o ensino e a aprendizagem do aluno, transformando-os em um processo atrativo e motivador”.¹¹

Outra questão, não menos importante, diz respeito às linguagens utilizadas no Ambiente Virtual de Aprendizado (AVA), já que no mundo contemporâneo a realidade é perpassada por uma ampla oferta de gêneros textuais virtuais, algo que provoca mudanças no modo de escrever e ler. Uma das modalidades que surge com o advento da internet é a “hipertextualidade”, ou seja, textos construídos para romper com uma racionalidade textual “fechada”, pois permite transitar por “janelas” de interatividade com outras realidades e significações.

Na atualidade é possível ler textos, em jornais online, por exemplo, que sinalizam para outros textos, basta acessá-los e imediatamente abrem-se “janelas” com novos hipertextos. Com isso, se impõe a necessidade de novas maneiras de construir textos, tendo em vista que há novas maneiras de ler textos. Situação que desafia a Educação a Distância no uso pedagógico das Tecnologias da Informação. Sobre esta questão, Pernigotti apresenta a seguinte contribuição:

O uso de animações, de figuras, de textos interconectados em hipertextos utilizados como agentes no processo de aprendizagem, em meio às videoconferências e às intervenções mediante ferramentas de comunicação como Chat e Fórum, ampliaram em multiplicidade o ambiente de aprendizagem constituído, transformando-o. Tais mutações reverberam também obviamente no aprendizado realizado pelos estudantes, que observam a busca, por parte dos professores, de outros patamares de qualidade. Sendo assim, sentimentos de pertença mais fortes se

¹¹ SCHNEIDER, Daisy; SILVA, Ketia Kellen Araújo; BEHAR, Patrícia Alejandra. Competências dos atores da educação à distância. In: BEHAR, Patrícia Alejandra (Org.). *Competências em educação à distância*. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 157.

estabelecem nos estudantes, compromissos com seu aprendizado são potencializados, o que favorece a produção de conhecimento que é um dos objetivos do processo.¹²

No entanto, independente do gênero textual, percebe-se a necessidade de que ele seja constituído das seguintes qualidades: coerência, coesão, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade, intertextualidade e intencionalidade. Em relação à coerência e coesão, a primeira diz respeito ao sentido do texto no universo amplo em que está inserido o leitor, enquanto a segunda, trabalha com a lógica interna do texto. Os gêneros textuais aplicados na EAD, devem necessariamente atender estas duas questões, caso contrário, a capacidade comunicativa será afetada. Já em relação à informatividade, deve-se questionar o grau de capacidade de provocar o interesse do aluno, gerando expectativa e desejo de ampliar o conhecimento. Não esquecendo, que as relações ocorrem em contextos específicos, algo que diz respeito à situacionalidade.

Outra questão frisada é a intertextualidade, exemplo inicial do presente texto, ou seja, a capacidade de deslocar o aluno, em uma proposta pedagógica bem delineada, para outras realidades textuais em paralelo com o texto principal. E, por fim, a intencionalidade, ou seja, o texto precisa ser construído com todos os objetivos propostos pela disciplina ou pelo curso. Não basta apenas escrever um texto no modelo tradicional de escrita, tendo em vista que diante das novas demandas de comunicação, mediadas pelas Tecnologias de Informação, é preciso se assenhorar de qualidades textuais virtuais que promovam a interação comunicativa.

Na pesquisa participativa, as questões colocadas foram observadas, de modo que se presenciou a importância do uso de recursos múltiplos de aprendizado. Por exemplo: numa determinada disciplina, o professor inseriu como material complementar o endereço eletrônico de um vídeo que discorria, no formato de palestra, sobre um tema específico da matéria, porém o vídeo estava em um canal do *youtube* contendo várias palestras e fóruns sobre temas diversos, mas interconectado com outras propostas da disciplina. Houve retorno por parte dos alunos sobre as muitas possibilidades que a ferramenta possibilitava. Assim, se abriram novas possibilidades no processo de ensino e aprendizagem. A escolha de ferramentas tecnológicas eficientes e adequadas é condição *sine qua non* para o sucesso de qualquer curso a distância que busca a excelência educacional, rompendo com o distanciamento físico do aluno. Segundo Belloni:

Na EaD, a interação com o professor é indireta e tem de ser mediatizada por uma combinação dos mais adequados suportes técnicos de comunicação, o que torna esta modalidade de educação bem mais

¹² PERNIGOTTI *apud* MEDEIROS, Marilú Fontoura de; FARIA, Elaine Turk (Orgs.). *Educação à distância: cartografias pulsantes em movimento*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

dependente da mediatização que a educação convencional, de onde decorre a grande importância dos meios tecnológicos.¹³

Além das questões postas, apresenta-se, por último, a necessidade de controlar todos os processos de ensino-aprendizagem mediados pelas TICs. Porém, questiona-se: o controle é necessário como forma de garantir uma qualidade de ensino? A resposta pode ser sim como também pode ser não. Em relação à primeira resposta, talvez seja correto afirmar que o controle enquanto instrumento de gestão educacional tem seu papel assegurado, ou seja, é preciso que haja controle dos processos pedagógicos, medindo-os para que as ações pedagógicas possam ocorrer de maneira adequada, não é possível melhorar a qualidade de ensino sem lançar mão de certa dose de controle dos processos.

Por outro lado, em relação à segunda resposta, não se pode achar que o controle é suficiente para garantir em sua totalidade a qualidade de ensino, pois é preciso que o espaço acadêmico seja perpassado pela criatividade que, aliás, em muitas situações é inibido pelo controle exagerado. Desse modo, a medida ideal pode ser o equilíbrio entre controle e liberdade, particularmente em diálogo com todos os envolvidos no processo: professores, alunos, gestores, etc. Outro questionamento se impõe necessário na presente reflexão: como os dispositivos tecnológicos podem ser utilizados de forma adequada para professores e alunos? Há muitos exemplos relacionados ao uso adequado dos dispositivos tecnológicos na relação pedagógica entre docentes e discentes. Uma delas pode ser o “rastreamento” das marcas deixadas pelos alunos em sua interação com os conteúdos pedagógicos mediados pelos dispositivos tecnológicos, algo totalmente possível na atualidade. A partir disso, construir propostas pedagógicas que respondam ao modo do aluno se relacionar com tais tecnologias. Já em relação aos professores, é possível também analisar como acontecem as interações com os alunos, levando em conta a assiduidade, as dinâmicas dos conteúdos, etc. Enfim, os recursos tecnológicos não podem ser vistos como um “vigia que pune”, mas algo que está, quando usado apropriadamente, a serviço do processo de ensino-aprendizagem. Não é um fim, mas o meio pela qual se oportuniza múltiplas possibilidades.

Embora muitas outras questões poderiam ser postas, percebe-se pelas que foram apresentadas, que a “presencialidade”, tão cara aos Cursos de Teologia, pode ser superada pelas modernas ferramentas de Tecnologia da Informação e Comunicação. De modo que o aluno se sinta acompanhado em todo o processo de formação teológica. Para tanto, como ficou demonstrado na observação participativa, não se pode abrir mão das competências humanas na operação de tais instrumentos, ou seja, a capacidade dos professores, tutores e demais profissionais do corpo técnico-administrativo, em usar de forma adequada os recursos disponíveis. Também exercer o controle sobre os processos ajuda na identificação e solução dos problemas.

¹³ BELLONI, Maria Luiza. *Educação a Distância*. São Paulo: Autores Associados, 2008. p. 54.

A qualidade do material didático como superação da “presencialidade”

Apesar da importância das TICs na educação à distância como superação da “presencialidade”, se faz necessário esclarecer que elas não substituem o material didático. Sendo este de fundamental importância para o processo de formação na modalidade a distância, tendo em vista que, de forma digital ou impressa, ele acompanhará o aluno em suas múltiplas relações com a disciplina. No entanto, é correto afirmar que as TICs impõem novas maneiras de desenvolvimento e relação com o material didático. Desse modo, uma questão já apresentada acima deve ser retomada: a qualificação do professor-autor no uso das linguagens que permeiam as TICs. Segundo Sales:

Para produção do material didático em EAD em qualquer que seja a mídia, para potencialização desse recurso é necessário que profissionais qualificados nas diversas áreas façam parte de uma equipe de trabalho, onde a produção seja, efetivamente, coletiva, crítica e reflexiva, objetivando proporcionar o desenvolvimento da interatividade, interação e colaboração, garantindo a qualidade da aprendizagem dos alunos.¹⁴

Assim, o material didático precisa ser construído em interface com as linguagens próprias das TICs no sentido de promover a colaboração de ambas as ferramentas. Para Bandeira, “diferentes tipos de mídias podem ser selecionadas para compor um modelo de material didático a partir das exigências do processo de comunicação educacional (conteúdo, objetivos e atividades de aprendizagem)”.¹⁵

Em 2007 o MEC lançou os “Referenciais de qualidade para a Educação Superior à distância”. Este documento se apresenta como norteador para a organização da concepção teórico-metodológica dos sistemas de Educação a Distância, sinalizando questões pertinentes que devem estruturar o Projeto Pedagógico do Curso - PPC. Uma das questões apontadas pelo documento para a produção do material didático é que a experiência com cursos presenciais não garante necessariamente a qualidade pedagógica dos materiais didáticos da Educação a Distância. Ainda segundo o documento, é necessário pensar numa perspectiva multidisciplinar, algo coerente e apropriado, pois a composição do material didático extrapola a realidade do texto escrito pelo professor-autor, surgindo assim, uma preocupação com as características próprias do conteúdo didático. Além disso, segundo os referenciais, a composição do material didático, nas mais diversas ferramentas de interação, precisa estar de acordo com os “princípios epistemológicos, metodológicos e políticos explicitados no projeto pedagógico”,¹⁶ ou seja,

¹⁴ SALES, Mary Valda Souza. *Uma reflexão sobre a produção do material didático para EAD*. 2005. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/044tcf5.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2015. p. 6.

¹⁵ BANDEIRA, Denise. *Materiais didáticos*. Curitiba: IESDE, 2009. p. 18-19.

¹⁶ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC): SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. Referenciais de qualidade para educação superior a distância. 2007. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

precisa ter identidade e coerência pedagógica. A partir disso, aponta para a necessidade de convergência entre todas as mídias usadas no processo ensino-aprendizagem.

Ainda em relação à composição do material didático, o documento orienta para o cuidado que se deve ter com a unidade dos conteúdos trabalhados e a interação entre os sujeitos envolvidos no projeto pedagógico do curso. Para tanto, orienta para as seguintes necessidades: sistematização do conteúdo a partir das diretrizes norteadoras do Ministério da Educação para a área do conhecimento em questão; a linguagem do material deverá ser dialógica, levando em conta a questão da autonomia do estudante; introduzir o aluno, por intermédio de material próprio para isso, às questões metodológicas e das competências exigidas; ampliação da proposta educacional por intermédio de bibliografias e ferramentas complementares para a complementação da aprendizagem.

A partir das questões apresentadas, de maneira resumida, pode-se dizer que as orientações apontam para múltiplas possibilidades na construção do material didático dos sistemas de Educação a Distância. No entanto, depende da disposição das instituições em acatar as sugestões, pois envolve questões de viabilidade de gestão pedagógica e administrativa como um todo. Montar uma equipe multidisciplinar envolve custos financeiros que nem sempre as Instituições de Ensino Superior (IES) estão dispostas a assumir em um primeiro momento, principalmente as privadas. Como garantir a qualidade dos materiais pedagógicos dos cursos levando em conta a questão custo/benefício? Por exemplo, o documento orienta para que os materiais passem por testes prévios de viabilidade pedagógica. Como fazer isto na prática de modo satisfatório?

Desse modo, parece adequado afirmar que as orientações do MEC em relação ao material didático contribuem realmente para a qualidade do ensino e aprendizagem, porém, na medida em que há comprometimento com as referidas orientações. Entretanto, cabe uma indagação: será que a visita dos avaliadores do MEC (nos processos que envolvem autorização, credenciamento e credenciamento) e as avaliações do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) são suficientes para medir a qualidade pedagógica dos materiais didáticos que são oferecidos aos alunos? Independente da resposta, sabe-se que um dos problemas da educação a distância diz respeito à qualidade do material didático.

Na pesquisa participativa, percebeu-se que a instituição observada, na qual o pesquisador está inserido, tem uma larga experiência de produção de material pedagógico em cursos de extensão denominado de básico e médio em teologia. Inclusive com uma equipe de pesquisa multidisciplinar que está sempre trabalhando na revisão dos conteúdos conforme recebe informações dos vários núcleos espalhados pela região de Santa Catarina e demais localidades. Esta experiência foi de grande importância para a orientação da composição do material do Curso Superior de Teologia por parte dos professores-autores. Desse modo, percebeu-se *in loco* que a qualidade do material é

indispensável para superar a questão da “presencialidade”. Evidentemente que o trabalho está sempre em construção, pois novas demandas vão surgindo, daí a necessidade de um professor com experiência na área para coordenar os trabalhos que envolvem a produção do material didático.

Considerações finais

Ao final deste trabalho se faz necessário retomar a problemática que orienta a pesquisa: quais os desafios enfrentados pelas instituições ao oferecerem curso superior de teologia na modalidade à distância, levando em conta a tradição de “presencialidade” na formação teológica? Em um primeiro momento, o trabalho sinaliza positivamente, ou seja, é possível superar a tradição da “presencialidade” nos cursos de teologia. De que modo?

Alguns caminhos foram apontados, entre eles: o uso adequado das ferramentas de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e a qualidade no desenvolvimento de material didático, tendo em vista que, bem articulados, possibilitam a sensação de “proximidade”. No entanto, a pesquisa participativa demonstrou a necessidade da participação de todos os envolvidos no processo, pois o “resultado final” é consequência de ajustes que são realizados a partir do cotidiano dos professores, tutores, alunos e corpo técnico-administrativo. Um momento especial na pesquisa de observação foi o encontro de aproximadamente cem alunos para a realização das provas presenciais, já que em conversas e encontros evidenciou-se a proximidade, ainda que a distância, entre alunos, professores e tutores. Desse modo, à guisa de conclusão, a oferta de cursos de teologia a distância tem um impacto positivo para um grande número de pessoas que exercem atribuições de leigos em suas comunidades religiosas, pois se sentem empoderados para a tarefa religiosa.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Denise. *Materiais didáticos*. Curitiba: IESDE, 2009.

BEILER, Adriana; LAGE, Louise Costa; MEDEIROS, Marilú Fontoura. Educação a Distância: novos desafios na virtualidade dos horizontes educacionais. In: MEDEIROS, Marilú Fontoura; FARIA, Elaine Turk (Orgs.). *Educação à distância: cartografias pulsantes em movimento*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

BEHAR, Patrícia Alejandra; WAQUIL, Márcia Paul. Princípios da pesquisa científica para investigar ambientes virtuais de aprendizagem sob o ponto de vista do pensamento complexo. In: BEHAR, Patrícia Alejandra (Org.). *Modelos pedagógicos em educação à distância*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BELLONI, Maria Luiza. *Educação a Distância*. São Paulo: Autores Associados, 2008.

JOHNSON, Telma. *Pesquisa social mediada por computador: questões, metodologia e técnicas qualitativas*. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

KENSKI, Vani Moreira. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas: Papirus, 2007.

LIMA, Maurilio Cesar. *Breve história da igreja no Brasil*. Rio de Janeiro: Restauro, 2001.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC): SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. *Referenciais de qualidade para educação superior a distância*. 2007. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

MEDEIROS, Marilú Fontoura de; FARIA, Elaine Turk (Orgs.). *Educação à distância: cartografias pulsantes em movimento*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

SALES, Mary Valda Souza. *Uma reflexão sobre a produção do material didático para EAD*. 2005. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/044tcf5.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

SCHNEIDER, Daisy; SILVA, Ketia Kellen Araújo; BEHAR, Patrícia Alejandra. Competências dos atores da educação à distância. In: BEHAR, Patrícia Alejandra (Org.). *Competências em educação à distância*. Porto Alegre: Penso, 2013.

SERBIN, Kenneth P. *Padres, celibato e conflito social: uma história da Igreja católica no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ZABATIERO, Julio. *Fundamentos da teologia prática*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.